

# A história do conflito entre religião e ciência<sup>1</sup>

Karl Heinz Kienitz

## Introdução

Na edição de 24.05.2010 da Revista Época, uma repórter confrontou a então candidata à presidência da república Marina Silva: “Como a senhora lida com a contradição entre ciência e religião?” Na mente da repórter não havia sombra de dúvida de que “a” contradição existe.

Encontramos diferentes opiniões sobre o assunto, e convém dar peso especial às considerações pertinentes de pessoas conhecedoras tanto de ciência quanto de religião. Uma dessas pessoas foi o físico Max Planck (1858-1947), Prêmio Nobel de Física de 1919, que também serviu como presbítero da congregação luterana de Berlin-Grunewald a partir de 1920. Uma conhecida observação sua é a de que “a prova mais imediata da compatibilidade entre religião e ciência natural, mesmo sob análise detalhada e crítica, é o fato histórico de que justamente os maiores cientistas de todos os tempos estavam imbuídos de profunda religiosidade.”<sup>2</sup>

James Clerk Maxwell (1831-1879), pai da teoria eletromagnética foi presbiteriano e conhecia também as tradições anglicana e batista. Ele anotou o seguinte: “Penso que os cientistas assim como outras pessoas, precisam aprender de Cristo. E acho que os cristãos cujas mentes dedicam-se à ciência são chamados a estudá-la para que sua visão da glória de Deus possa ser tão extensa quanto possível.”<sup>3</sup>

Do outro lado do espectro de posições encontra-se, além da repórter já mencionada, o filólogo e filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), que em *Gesetz wider das Christenthum* escreveu: “Quanto mais próximo se está da ciência, maior é o crime de ser cristão.”

Assim pelo menos dois dos mais renomados cientistas de todos os tempos não reconhecem contradição ou conflito entre ciência e fé / religião, ao passo que pelo menos uma repórter e um filólogo e filósofo renomado agem como se tal conflito fosse incontestável. Quais são os motivos?

## Acertando conceitos

Existem diversos entendimentos do que sejam ciência, fé e religião. Para contextualização das ideias desse texto, a seguir são colocadas as definições usadas aqui.

Ciência é o conhecimento ou um sistema de conhecimentos que compreende verdades gerais ou a operação de leis gerais identificadas e testadas através do método científico. O método científico é um conjunto de regras básicas que fazem uso da razão para juntar evidências observáveis, empíricas e mensuráveis.

Embora procedimentos variem de uma área da ciência para outra, é possível determinar certos elementos que diferenciam o método científico de outros métodos. Primeiramente o cientista propõe hipóteses para explicar certo fenômeno ou observação de interesse. Baseado em suas hipóteses, o cientista faz previsões e então desenvolve experimentos e verificações para testar suas previsões. Previsões não confirmadas levam à rejeição das hipóteses. Hipóteses não rejeitadas eventualmente podem ser consolidadas em teorias. Toda hipótese ou teoria deve necessariamente permitir a formulação de previsões e permanece constantemente sujeita a novos testes, podendo ser refutada à luz de nova informação experimental. Todo o processo precisa ser objetivo, para que o cientista seja imparcial na interpretação dos resultados.

Outra expectativa básica do método científico é que todo o procedimento precisa ser documentado, tanto os dados quanto os procedimentos, para que outros cientistas possam analisá-los e reproduzi-los. Podemos entender cientistas como sendo fabricantes de mapas do mundo físico. Nenhum mapa nos diz tudo o que poderia ser dito sobre determinada região, mas em certa escala pode representar a estrutura existente com boa fidelidade. No sentido de aproximações cada vez melhores da verdade sobre a matéria, a ciência nos permite um domínio cada vez mais firme da realidade material. Com alguma frequência ciência é confundida com a formulação de hipóteses e explicações plausíveis. Ciência não é plausibilidade, e plausibilidade não é

1 Este é um texto companheiro para a palestra de mesmo título, apresentada pelo autor no *I Encontro Nacional de Fé e Ciência para o Século XXI*, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 14 e 15 de maio de 2013.

2 Planck, M. *Vorträge und Erinnerungen*, S. Hirzel Verlag, Stuttgart, 1949.

3 Campbell, L.; Garnett, W. *The life of James Clerk Maxwell*, Macmillan, 1882.

ciência, embora assertivas plausíveis possam ser candidatas interessantes para verificação com o método científico.

Uma definição sucinta e clara de fé encontra-se na Bíblia, em Hebreus 11.1: “A fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos.” Tal entendimento de fé transcende a fé religiosa. Exemplos de fé são: a confiança num amigo; a certeza de vencer alguma etapa especial da vida; minha confiança no Deus da Bíblia (e em Jesus Cristo).

Religião é o conjunto de atitudes e ações de uma pessoa, que expressam convicções existenciais. Caso se deseje, pode-se restringir as convicções existenciais da definição àquelas ligadas à espiritualidade. Essa definição de religião é compatível com o entendimento bíblico, expresso, por exemplo, em Tiago 1.26-17: “Alguém está pensando que é religioso? Se não souber controlar a língua, a sua religião não vale nada, e ele está enganando a si mesmo. Para Deus, o Pai, a religião pura e verdadeira é esta: Ajudar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e não se manchar com as coisas más deste mundo.” O interessante dessa passagem bíblica é que ela permite reconhecer o amor compassivo como medida, no sentido de métrica, da religião cristã.

### **O desenvolvimento das ciências naturais (um resumo)**

No início da ciência ocidental está o uso do método experimental para verificar assertivas e explicações sobre a natureza. Robert Grosseteste (1175-1253) e seu aluno Roger Bacon (1214–1294) estiveram entre os primeiros a enfatizar o uso da experimentação para aferir afirmações sobre fenômenos naturais, e deixaram clara uma sólida motivação para tal, enraizada numa visão de mundo cristã.

Tanto Grosseteste, um bispo, quanto Roger Bacon, um frade franciscano, tinham um entendimento teológico explicitado pela primeira vez em Alexandria entre os séculos IV e V. Ele enfatizava: (a) a unidade racional do universo e sua criação do nada por Deus; (b) a inteligibilidade do universo para a mente humana; (c) a liberdade contingente do universo. A concepção alexandrina predispõe favoravelmente ao uso do método científico e isso talvez explique porque muitos cientistas desde o início – e não apenas no início – da ciência moderna têm sido cristãos.

Encontramos os primeiros cientistas modernos propriamente ditos a partir do final do século XV, intelectuais como Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Kepler (1571-1630), Pascal (1623-62), Newton (1643-1727), e Leibniz (1646-1716). Embora todos os citados nessa lista fossem cristãos convictos, estabeleceu-se com os trabalhos de Copérnico, Galileu e Kepler, pela primeira vez uma explicação de aspectos específicos da realidade observável que conflitava com um entendimento literal, até então incontestado de certas passagens bíblicas. Copérnico e os que o seguiram refutaram o modelo geocêntrico de Ptolomeu (90-168) para o movimento dos planetas, até então universalmente aceito, e apresentaram sólida comprovação para um modelo heliocêntrico. As discussões, tanto científicas quanto teológicas, tornaram-se turbulentas no meio católico e resultaram na condenação de Galileu. A condenação foi o desfecho político-religioso de uma rivalidade entre intelectuais, na qual autoridades político eclesiásticas impuseram um ponto de vista que lhes parecia adequado. Galileu, que permaneceu cristão católico até o final de sua vida, teve rivais e aliados tanto no meio científico quanto no meio eclesiástico de sua época. O ponto de vista imposto pelas autoridades político eclesiásticas e a imposição em si não foram (nem são) representativos para a fé cristã em geral. Hoje, o aparente conflito do heliocentrismo com a interpretação da Bíblia é considerado resolvido.

Os séculos XVIII e XIX trouxeram avanços cada vez mais rápidos do conhecimento em todas áreas da ciência. Físicos e químicos como Dalton (1766-1844), Faraday (1791-1867), Joule (1818-89), Stokes (1819-1903) e Maxwell (1831-79), e biólogos como Mendel (1822-84) e Pasteur (1822-95), criaram as bases científicas para as tecnologias que impactam o nosso dia a dia e bem estar hoje. A partir do século XVIII passou a ser mais comum que entre os cientistas também houvesse céticos, como por exemplo Maupertuis (1698-1759), D'Alembert (1717-1783) e Gay-Lussac (1772-1850). À medida que o método científico produzia resultados excelentes, muitos intelectuais passaram a ignorar ou mesmo ocultar as raízes cristãs da ciência ocidental. O método científico passou a ser usado com frequência por ser um método “que tem funcionado,” e a partir da segunda metade do século XIX a ciência passou a se tornar cada vez mais um empreendimento secularizado, embora entre os cientistas de grande destaque continuassem a estar cristãos convictos<sup>4</sup>.

Em meados do século XIX um evento especial contribuiu para a aceleração do processo de secularização em

4 Como por exemplo Max Planck, Francis Collins, Donald Knuth, John Polkinghorne, e William Daniel Phillips.

geral, e do meio científico em particular. Darwin (1809-82) propôs sua teoria de evolução das espécies, que conflitava com o entendimento literal do relato bíblico da criação. Esse conflito lhe trouxe tanto simpatizantes quanto opositores. O sensacionalismo parece ter eclipsado o fato de que a nova teoria merecia uma série de questionamentos científicos. Segundo o próprio Darwin, “razões gerais” seriam suficientes para “crer” na sua teoria: “A grande ruptura na cadeia orgânica entre o homem e seus aliados mais próximos, para a qual não existe transposição por qualquer espécie extinta ou em vida, muitas vezes têm sido colocada como uma grave objeção à crença de que o homem descende de alguma forma inferior; mas essa objeção não será de muito peso para aqueles que, convencido por razões gerais, acreditam no princípio geral da evolução.”<sup>5</sup>

Na biologia seguiram-se décadas turbulentas. Enquanto simpatizantes do Darwinismo lutavam uma batalha pelas mentes, havia pouco espaço para as leis da hereditariedade, propostas por Mendel em 1865. “A controvérsia se tornou tão amarga que em 1903 o periódico britânico *Nature* fechou suas colunas para o Mendelianos. As colunas do periódico *Biométrica* já haviam sido fechadas para eles.”<sup>6</sup> A teoria conhecida como “síntese moderna” da teoria de Darwin com a genética de Mendel, também chamada de neodarwinismo, foi desenvolvida nas décadas de 30 e 40 do século XX e propôs-se resolver o entrave. Embora hoje seja aceita amplamente, a “síntese moderna” não é uma unanimidade, sofre críticas de cientistas de renome<sup>7</sup>, e está enfrentando dificuldades explanatórias cada vez maiores, especialmente na área de bioquímica. Na URSS motivações ideológicas favoreceram a ampla difusão do Darwinismo, e o combate à genética de Mendel, cuja pesquisa foi finalmente suprimida em 1948. Pesquisas em genética puderam ser retomadas por cientistas soviéticos na década de 60.

Enquanto na biologia se lutava pela aceitação da genética, na física Planck (1858-1947), Einstein (1879-1955) e outros lançavam os alicerces da física moderna, também enfrentando alguma oposição com motivação ideológica, como a de Lenard (1862-1947), Prêmio Nobel de Física de 1905.

## O “conflito”

Do exposto acima, “conflito” não se apresentou como o paradigma normal de convivência de religião e ciência ao longo dos séculos. De onde então surgiu a noção de conflito?

Uma das primeiras menções – ainda indiretas – ao assunto pode ser encontrada no *Discours Preliminaire* de D’Alembert (1717-1783), segundo o qual na Renascença o homem teria sido libertado “das correntes da dominação eclesiástica,” que teriam impedido o questionamento racional. As biografias de intelectuais dos séculos XII a XIV, tais como Robert Grosseteste, Alberto de Colônia, Roger Bacon, Dietrich von Frieberg, Thomas Bradwardine e Nicolas de Oresme contradizem a assertiva de D’Alembert.

Na geração seguinte, Letronne (1787-1848), um intelectual que compartilhava os fortes preconceitos antirreligiosos de D’Alembert, descreve os pais de Igreja e seus sucessores medievais como acreditando em uma terra plana. Jeffrey B. Russell, professor emérito de História da Universidade da Califórnia Santa Barbara, constata<sup>8</sup> que desde o século III a.C. no Ocidente nenhuma pessoa instruída acreditou numa terra plana, com raras exceções. Uma terra redonda aparece pelo menos a partir do sexto século a.C. com Pitágoras. Embora houvesse algumas dissensões, a esfericidade da terra foi geralmente aceita por gregos e romanos instruídos. O cristianismo nada mudou nisto. Cinco pais da Igreja, no máximo, negaram a esfericidade da terra por tomarem certas passagens bíblicas equivocadamente como assertivas geográficas ao invés de indicações metafóricas. Mas a vasta maioria dos teólogos cristãos, poetas, artistas, e cientistas sempre consideraram a terra esférica. Historiadores da ciência têm insistido nesse ponto há décadas, sem conseguir erradicar o falso ensino de que os cristãos da Idade Média acreditavam que a terra é plana.

Um contemporâneo de Letronne, Irving (1783-1859), conhecido por incluir erros em narrativas das histórias de Nova Iorque e Washington, criou a cena do jovem Colombo em Salamanca diante de um conselho de inquisidores e teólogos encapuzados convictos de que a terra é plana. Houve de fato uma reunião em 1491 em Salamanca, mas o relato de Irving é, como escreve Russell, “balela... Washington Irving, pressentindo sua oportunidade para uma cena pitoresca e comovente”, criou um “conselho universitário inexistente” e “permitiu que sua imaginação divagasse... toda a estória é uma besteira enganadora e perniciosa.”

5 Em *Descent of Man*.

6 Zirkle, C. Some oddities in the delayed discovery of Mendelism, *The Journal of Heredity*, p. 65-71, 1964.

7 Como por exemplo Richard Smalley (1943-2005), Prêmio Nobel de Química de 1996.

8 Em seu livro *Inventing the flat earth*, Praeger, 1991.

Os erros firmaram-se graças a John Draper (1811-1882)<sup>9</sup> e vários de seus seguidores, tais como Andrew D. White (1832-1918)<sup>10</sup>, presidente da Cornell University, que asseguraram a propagação do mito até a data de hoje. O historiador Colin Russell escreveu que “Draper toma tal liberdade com a história, perpetuando lendas como fato que hoje ele é corretamente evitado em estudos históricos sérios. O mesmo é quase que igualmente válido para White.”<sup>11</sup> O historiador Peter Hess resume: “A errônea concepção popular de que ciência e religião são inimigas naturais resultou dessas obras [de Draper e White] e é regularmente reforçada. Ensaíam-se retratos históricos em que essas disciplinas se encontram em pé de guerra desde tempos imemoriais. Felizmente, um trabalho considerável foi produzido nas últimas décadas para compensar o equilíbrio e construir uma compreensão mais refinada da relação complexa entre a religião e a ciência.”<sup>12</sup>

Numa tônica de testemunho pessoal, o geneticista Francis Collins (1950- ) rotula um alegado conflito entre fé cristã e ciência de mito: “Não tenho razão para ver uma discordância entre aquilo que sei como cientista que passa o dia inteiro estudando o genoma humano, e aquilo que creio como alguém que presta muita atenção ao que a Bíblia me ensinou sobre Deus e sobre Jesus Cristo... A noção de que você deve escolher entre um e outro é um mito terrível que tem sido proposto, e que muitas pessoas têm aceito sem real oportunidade de examinar a evidência.”<sup>13</sup>

### **Rota ao secularismo**

O contexto – não comentado aqui – em que surgiram obras como as de Draper e White explica sua motivação pelo desejo de secularização da atividade intelectual de forma geral e da científica em particular.

Hoje o pensamento secularista prevalece na maior parte da academia. O secularismo é a maneira de pensar que se concentra exclusivamente neste mundo, nesta vida, no aqui e agora, na vida humana na terra, e rejeita qualquer coisa sobrenatural ou espiritual. Essa mentalidade tem dado origem a esforços secularizadores por decisores políticos, administradores e educadores, que tendem a excluir todas as coisas “religiosas” da vida pública em prol do que entendem ser “politicamente correto.” Os escritos de Draper e White são exemplos de tais esforços.

Como é que o pensamento secularista, que tem florescido por mais de 200 anos, surgiu inicialmente? As fontes são muitas; aqui há espaço para um breve resumo apenas.

Começando com Hume (1711-1776), muitos filósofos influentes afirmaram que é real só o que pode ser verificado pelos sentidos ou pela razão. Esse modo de pensar foi impulsionado por Kant (1724-1804) que defendeu a soberania da razão: “A nossa época é a época da crítica, à qual tudo deve se submeter.”<sup>14</sup>

Outra fonte a dar impulso ao pensamento secularista veio da teoria de evolução de Darwin, que foi se transformando em evolucionismo, no qual o processo denominado evolução é interpretado como acontecimento abrangente, que vai uniformemente da evolução do cosmo à evolução da razão e da cultura, viabilizando uma grandiosa visão geral da realidade. Sem considerar a dificuldade de definição de evolução, o processo foi tomado por fato incontestável e o “fato” evolução levou muitos a considerar que não há espaço para Deus ou um criador.

Um impulso adicional foi dado pelo materialismo científico, que sustenta que o universo sempre existiu, é tudo o que existe, e que a única realidade é o que está acessível aos cinco sentidos e à razão. Além disso, a única maneira de adquirir conhecimentos sobre as coisas do universo seria a ciência. Isso levou à ideia extrema de que a ciência tem todas as respostas e que não é preciso procurar em outro lugar; tal ideia às vezes é chamada de “cientificismo.” O materialismo científico tem sido veiculado na imprensa por pessoas conhecidas, como Peter Atkins, professor de química de Oxford, que lançou assertivas como “a ciência pode explicar tudo,” o que claramente não pode, ou “através de seu cérebro você vai ver que pode passar sem

9 Draper, J. *History of the conflict between religion and science*, 1882.

10 White, A.D. *The warfare of science with theology in Christendom*, 1896.

11 Russell, Colin A., “The conflict of science and religion”, *Encyclopedia of the History of Science and Religion*, p. 15, New York 2000. Russell serviu como presidente da associação *Christians in Science*.

12 Hess, P.M.J. “Os dois livros de Deus,” In: Peters, T. & Bennett, G. (Eds.) *Construindo pontes entre a ciência e a religião*, capítulo 7, pp. 163-185, Loyola, 2003.

13 Traduzido de Abernethy, B. “Bob Abernethy’s interview with Dr. Francis Collins, director of the Human Genome Project at the National Institutes of Health,” *PBS Religion & Ethics Newsweekly*, 2000.

14 Em *Crítica da razão pura*.

Deus.” Carl Sagan, escritor e astrônomo conhecido disse: “O cosmos é tudo o que existe, sempre existiu e sempre existirá.” Essas afirmações são pressupostos filosóficos e especulações; não são afirmações científicas. Mas, porque foram feitas por cientistas, elas são aceitas pelo público em geral e tomadas por verdade científica.<sup>15</sup>

Em meados do séc. XX, o secularismo foi ampliado com a adoção de “valores seculares.”

### Ligando pontos

A partir do século XIX passou-se a divulgar a ideia de que o materialismo seria o alicerce da ciência. Lord Rayleigh, Prêmio Nobel de Física de 1904, esclareceu que tal ideia é incorreta: “Muitas pessoas excelentes temem a ciência como tendendo ao materialismo. Não é surpreendente que tal apreensão exista, pois, infelizmente, há escritores, falando em nome da ciência, que se propuseram a fomentá-la. É verdade que entre os homens de ciência, como em outros ramos, pontos de vista pouco refletidos podem ser encontrados a respeito das coisas mais profundas da natureza; mas que as crenças a que Newton, Faraday e Maxwell aderiram toda uma vida seriam incompatíveis com o hábito científico da mente é, sem dúvida, uma proposição que eu não preciso me delongar em refutar.”<sup>16</sup>

Declarações de cientistas do final do século XX e início do século XXI corroboram a declaração de Lord Rayleigh. Cito dois exemplos. Arthur L. Schawlow, Prêmio Nobel de Física de 1981, escreveu: “Encontro uma necessidade por Deus no universo e em minha própria vida... Somos afortunados em ter a Bíblia, e especialmente o Novo Testamento, que nos fala sobre Deus em termos humanos muito acessíveis, embora também nos deixe algumas coisas difíceis de entender.”<sup>17</sup> O segundo exemplo é o de William D. Phillips, Prêmio Nobel de Física de 1997, que testemunha: “Muitos cientistas são também pessoas com uma fé religiosa bastante convencional. Eu, um físico, sou um exemplo. Creio em Deus como criador e como amigo. Isto é, creio que Deus é pessoal e interage conosco.”<sup>18</sup> E mesmo entre cientistas ateus encontramos assertivas desautorizando a tese da necessidade do materialismo e/ou de conflito entre fé e ciência. Richard Feynman, Prêmio Nobel de Física de 1965, por exemplo, assegurou que “muitos cientistas creem na ciência e em Deus, o Deus da revelação, de uma forma perfeitamente consistente.”<sup>19</sup>

No entanto, o “mito do conflito” continua sendo enunciado e impingido ao público geral, como exemplificado pela pergunta da Revista *Época*, a Marina Silva. Um outro exemplo brasileiro recente é o livro infantojuvenil *Os cientistas e seus experimentos de arromba*, de autoria de Mike Goldsmith, publicado em língua portuguesa em 2012. Goldsmith, cujo nome consta da capa do livro como Dr. Mike Goldsmith, possivelmente para conferir ao texto especial autoridade, escreve aos seus jovens leitores entre outras frases questionáveis que: “Louis [Pasteur] era muito carola e achava que só Deus podia criar a vida...” e “... ele [Darwin] achava o cristianismo mais besta que um vulgar besteirol.” O preconceito é nítido na primeira das duas frases; na segunda a autoridade de Darwin é invocada para hostilizar o cristianismo com tônica e formulação que não são encontrados nas suas obras.

Percebe-se ainda a propagação, na literatura, de outra posição preconceituosa secularizadora, relacionada ao “mito:” a fé cristã de um cientista e sua atividade científica não teriam interface relevante.<sup>20</sup> Isto pode ser verdade para um ou outro cientista, e a adoção pessoal da posição em si é assunto de foro íntimo. O que é problemático, é sua adoção *a priori* na elaboração da biografia de um cientista. Compare-se, por exemplo, a

---

15 As citações desse parágrafo provém de Bowie, R. *Does Christian faith make sense?*, cap. 1 (“Roots of secularism”), Haggai Institute, Cingapura 2007.

16 A declaração consta da palestra de Lord Rayleigh na 54ª reunião da *British Association for the Advancement of Science*, 1884, e foi traduzida de Kneller, K.A. *Christianity and the leaders of modern science*, B. Herder, 911.

17 Traduzido de Margenau, H. & Varghese, R.A. (Eds.) *Cosmos, bios, theos: scientists reflect on science, God, and the origins of the universe, life and homo sapiens*, Open Court, Chicago, 1992.

18 Traduzido de Dimitrov, T. *50 Nobel laureates and other great scientists who believe in God*.

19 Traduzido de Schaefer, H. *Science and Christianity: conflict or coherence?* The Apollos Trust, 2003.

20 A questionabilidade dessa posição salta aos olhos quando se lê a seguinte observação de Max Thürkau (1925-1993), químico e filósofo, ganhador do Prêmio Ruzicka de 1963: “Tão certamente quanto a bomba atômica surgiu de uma pesquisa científica sem oração, numa pesquisa científica do 'ore e trabalhe' surgirão uma ciência e uma técnica que fomentarão a vida através da caridade, e não a ameaçarão.” Em Thürkau, M. *Unruhig ist unser Herz*, Christiana-Verlag, 1990.

primeira grande biografia<sup>21</sup> de James Clerk Maxwell com uma biografia mais recente de autoria de Mahon<sup>22</sup>. A primeira é recheada de observações e anotações sobre a fé cristã de Maxwell. Na segunda, a menção ao assunto é desprezível. A publicação de uma biografia conformada aos dogmas do biógrafo que é incapaz de honrar a relação da fé do biografado com a ciência que praticou, não faz justiça à sua memória, e eventualmente serve ao proselitismo secularista.

Ao contrário de beneficiar a ciência, ideologias secularizadoras a prejudicam, como ilustra a perseguição à genética na União Soviética em plenos anos 40, em consequência da influência dogmática (póstuma) de Marx e Engels sobre a ciência soviética. Ali, e talvez também em outros lugares, uma advertência de Karl Popper, anterior ao episódio, parece ter passado despercebida: “Todo o desenvolvimento da dialética deve ser um aviso contra a filosofia especulativa. Deve lembrar-nos que filosofia não deve ser imposta como base para qualquer tipo de sistema científico e que os filósofos devem ser muito mais modestos em suas reivindicações. Pois sua tarefa, que podem cumprir de forma bastante útil, é o estudo dos métodos da ciência.”<sup>23</sup> (O grifo nessa última citação é meu.)

### **Fé e ciência em diálogo<sup>24</sup>**

Minha conclusão é a de que fé cristã e ciência não estão em conflito. Mas é importante que estejam em diálogo, pois houve, e continua a haver, conflitos entre reivindicações científicas e religiosas. Em muitos casos, conflitos aparentes entre ciência e religião se devem ao uso de uma lógica falha. Porém nem todos os conflitos aparentes entre ciência e religião podem ser explicados facilmente. Às vezes é necessário um esforço relevante para chegar-se à raiz do problema, quando parece haver um conflito entre uma reivindicação feita em nome da ciência e uma outra feita em nome do cristianismo. Diferentes tradições religiosas poderão tratar o assunto de formas distintas. A teologia cristã fornece uma sistemática para tratar conflitos aparentes. Ela baseia-se no que foi chamado de “metáfora dos dois livros.” No seu segundo artigo, a Confissão Belga, um credo histórico na tradição reformada, diz o seguinte: “Nós conhecemos a Deus por dois meios. Em primeiro lugar, pela criação, preservação e governo do mundo inteiro; visto que o mundo, perante nossos olhos, é como um livro formoso, em que todas as criaturas, grandes e pequenas, são como letras que nos fazem ponderar as coisas invisíveis de Deus; Seu eterno poder e Sua divindade... Em segundo lugar, Deus se faz conhecer a nós ainda mais clara e plenamente, por Sua sagrada e divina Palavra, tanto quanto nos é necessário nesta vida, para Sua glória e para a salvação dos que Lhe pertencem”.

A Confissão Belga refere-se a dois livros: a natureza e a Bíblia. Deus criou a natureza. Deus inspirou a Bíblia. Deus não está nos dando mensagens opostas. Mas, nós somos humanos e podemos errar. Ciência e filosofia são esforços humanos para compreender a natureza. Teologia, filosofia e interpretação bíblica são esforços humanos para compreender a revelação pessoal de Deus na história. Nós seres humanos somos limitados e imperfeitos. Podemos errar em nossa compreensão da natureza, em nossa compreensão da Bíblia, ou em ambos. É aqui, no nível da interpretação humana, que há potencial para conflitos.

A metáfora dos “dois livros” é uma metáfora útil, pois nos fornece uma estratégia para tratar de um conflito aparente entre teologia e ciência ou qualquer outro campo do conhecimento. Não jogamos fora uma e mantemos a outra, porque isto seria equivalente a ignorar uma porção da revelação de Deus. Nós as mantemos em tensão da melhor forma possível, e continuamos a fazer ciência, teologia e filosofia até que a unidade subjacente das revelações de Deus se torne aparente.

---

21 Campbell, L.; Garnett, W. *The life of James Clerk Maxwell*, Macmillan, 1882.

22 Mahon, B. *The man who changed everything*, Wiley, 2003.

23 Popper, K.R. What is Dialectic? *Mind, New Series*, Vol. 49, No. 196. (Oct., 1940), pp. 403-426.

24 Os próximos parágrafos seguem de perto trechos de Haarsma, L. [Cristianismo como um fundamento para a ciência](#), traduzido de Christianity as a foundation for science, In: D.C. Elliott (Ed.) - *Proclaiming freedom in the land: the role of the professorate in promoting Christ centered learning*, p. 51-62, Christian Educators Association International, Pasadena, CA, 2003.